

Duquesne University

## Duquesne Scholarship Collection

---

Antologia Espiritana

Anthologie Spiritaine

---

5-1-2010

### 02. MODERAÇÃO NAS OPINIÕES E DECISÕES, Ao P. Le Vasseur

Christian de Mare CSSp

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese>



Part of the [Catholic Studies Commons](#)

---

#### Repository Citation

de Mare, C. (2010). 02. MODERAÇÃO NAS OPINIÕES E DECISÕES, Ao P. Le Vasseur. Retrieved from <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese/90>

This V is brought to you for free and open access by the Anthologie Spiritaine at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Antologia Espiritana by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

## 2. MODERAÇÃO NAS OPINIÕES E DECISÕES

Ao P. Le Vavas seur

### Carta de admoestação

É uma carta de 9 páginas em “Notes et Documents”<sup>255</sup>. Foi escrita para responder às graves críticas do P. Le Vavas seur, movido pela velha tentação do radicalismo puro e duro, aliada à sua forte emotividade. Quer deixar a Congregação e tornar-se jesuíta por causa da vinda para Bourbon do P. Plessis<sup>256</sup>, jovem padre decepcionante, enviado por Libermann.

Nas Memórias de Tisserant, faz-se referência à “tentação de Le Vavas seur”<sup>257</sup>. Tratava-se então da sua primeira tentação grave de deixar a Sociedade. Esta agora é a segunda, e talvez a mais grave. Terá ainda uma terceira quando quiser abandonar o Seminário do Espírito Santo para voltar à situação de antes da “fusão”<sup>258</sup>.

Admiramos nesta carta, a paciência e a pedagogia de Libermann para trazer Le Vavas seur à razão, e ao mesmo tempo a sua firmeza quanto aos princípios: “Creio que faz uma coisa desagradável a Deus, [...] se eu também desanimasse, gostaria de saber como responderíamos por isso diante do soberano Juiz”. Admiramos também a luta que Libermann teve de travar consigo próprio para seguir em frente nas suas tarefas de responsabilidade.

Apesar da sua extensão apresentamo-la toda, pois revela bem as qualidades de Libermann na arte de dirigir as pessoas. Revela traços paulinos quando evoca o peso das responsabilidades que assume, sem no entanto se queixar: “desde que Deus me colocou nesta obra, nunca tive um instante de paz e de consolação [...]”.

[Nota do P. Cabon: Esta carta é muito difícil de ler; para a primeira parte, seguimos, nas passagens indecifráveis, o texto publicado pelo Rev.mo P. Schwindenhammer no relato da tentação do P. Le Vavas seur (Circ. n° 34); para a segunda,

<sup>255</sup> ND VIII, pg. 28-36.

<sup>256</sup> Cf. índice onomástico.

<sup>257</sup> ND III, pg. 6 e segs. .

<sup>258</sup> Cf. Carta do Pentecostes de 1850, ND XII, pg. 198-204: “Isto seria uma das faltas mais graves...”

*Antologia Espiritana*

*seguimos a reconstituição tentada pelo P. Meillorat nas Cartas aos membros da Congregação, pg. 273 sgs.]*

Apenas para o P. Le Vavas seur.

28 de Janeiro de 1846

Caro confrade,

É urgente responder de imediato à sua carta em que me fala do P. Plessis e do seu regresso. Concordo que mo envie; sou eu o culpado de o ter admitido; sou eu quem deve arrostar com a dificuldade. Mas você dilacerou-me a alma com os sentimentos de desânimo e o deplorável estado emocional em que estava. A sua carta revela um grande abatimento e inquietações terríveis acerca do estado da Congregação. Não o censuro por me meter assim em mais aflições. Vejo nas suas palavras uma espada nas mãos de Deus para me dilacerar a alma.

Ele sobrecarrega-me<sup>259</sup> e esmaga-me sob o peso desta obra que exige dor e paciência, e permite ainda que os mais fortes, os que valem mais do que eu, me batam em vez de me ajudarem a superar a minha fraqueza. Bendito o seu santo Nome, contanto que a sua obra assim tão pobre avance! Sim, avança e há de avançar cada vez mais, disso não duvido. Você foi o primeiro a quem Deus chamou e encarregou da fundação da obra, e agora, profundamente desanimado, fala em abandoná-la! Ao alimentar uma tal ideia em seu espírito, creio que está a desagradar a Deus.

Tenha cuidado, meu caro irmão, você não sabe quais os desígnios de Deus sobre si, vê apenas o imediato, e não os planos da Providência; eu também os não vejo, mas penso que se você consentir em alimentar essa ideia comete uma grande infidelidade. Se, depois de você abandonar a obra, também eu desanimasse, gostaria de saber como responderíamos por isso diante do soberano Juiz.

Contra uma razão que você tenha, eu teria uma centena delas para apresentar, eu que carrego aqui o peso do superiorato, que tenho de estar atento a tudo e arcar com toda a responsabilidade da obra, eu que estou sempre a ser

<sup>259</sup> Para compreender bem as razões que levam Libermann a fazer a avaliação do seu pesado fardo, é preciso recordar que foram Le Vavas seur e Tisserant que tiveram a iniciativa da Congregação que ele dirige. Compete-lhes, portanto, apoiar em vez de acabrunhar o Superior Geral.

*Congregação do Espírito Santo*

profundamente abalado por todas as aflições e provações que a divina Providência se digna enviar a esta obra, por todas as preocupações com as missões empreendidas e a empreender ou a fundar, por todos os cuidados que me dão o noviciado, as outras casas de formação e as residências missionárias, a ordem a estabelecer, as regras a aperfeiçoar, o assentar os alicerces em bases sólidas; e eu aqui sozinho, apenas com um único confrade capaz de me ajudar eficazmente a estabelecer e manter a boa regularidade, a ter em dia a correspondência, a tratar com as mais diversas pessoas, a escolher bem os assuntos e a fazer um monte doutras coisas, todas capazes de dar enormes preocupações e cuidados.

Desde que Deus me colocou nesta obra, nunca tive um instante de paz e de consolação, porque a minha alma está como que insensível a tudo o que possa dar agrado e consolo, sendo de uma extrema sensibilidade à dor; e a esta a divina Bondade não me tem poupado. Pense que desgosto, que acabrunhamento deve ser para mim, o não ter um instante, um minuto sequer durante o dia, para me ocupar da salvação da minha alma, e, no entanto, como bem sabe, os meus mais ardentes e contínuos desejos atraem-me ao retiro, à solidão. Tenho horror ao contacto com o mundo, um horror que me parece por vezes quase insuperável, mas não me posso furtar a isso; tenho uma grande dificuldade em conversar com as pessoas, mas tenho de o fazer constantemente. De manhã à noite, tenho de me ocupar da direção, e sinto uma repugnância extrema, uma dificuldade enorme em o fazer. É necessário que dê continuamente conferências, e o mais simples tema que tenha de desenvolver sobre a oração põe-me em apuros três horas antes de o dar. Parece que tudo em mim se opõe a que continue nestas funções; todos os atrativos da graça e da minha natureza são contrários a isso. Não há uma fibra do meu corpo nem um movimento da minha alma que não me puxe para a solidão.

No entanto, só o admitir tal ideia seria para mim um crime. Deus liga-me e amarra-me a esta obra crucificante, mas querida ao meu coração. Sinto que para obedecer à sua poderosa vontade que se apoderou de mim, tenho de sacrificar o meu repouso, a minha consolação, a minha felicidade e, infinitamente mais, o avanço espiritual da minha alma, pela qual já nada mais posso fazer, o que choro amargamente. Peço perdão a Deus pelas minhas lágrimas e dor, e submeto-me com toda a minha alma à vontade divina que se me impõe e me coage tão fortemente. Creio poder dizer com verdade que nunca a minha alma fez nada, por mínimo que fosse, para soltar as cadeias com que a divina vontade me prende. Prefiro ser o último no reino do Pai do céu, e chegar lá pela submissão

*Antologia Espiritana*

.....

à sua santa vontade e pela salvação de tantas almas abandonadas, do que conseguir os primeiros lugares abandonando o caminho traçado pela sua vontade.

Pensa abandonar a obra em que experimenta dificuldades; mas se eu morresse antes de a obra estar solidamente consolidada, você teria conseguido maneira de viver tranquilo e de satisfazer as inclinações do seu coração, mas as almas pelas quais Deus lhe inspirou uma tão grande compaixão, poderiam perecer aos milhares e padecer eternamente com os demónios nos infernos. Ouça, meu irmão, ainda não sabe sofrer por amor do seu Deus, nem sacrificar-se pela sua glória. Quer que eu o despeça: eu cometeria uma falta enorme para com Deus e para com a sua alma. Você está ligado a Deus e ao Sagrado Coração de Maria, sua querida Mãe; qualquer ideia de quebrar este laço é uma ilusão. Muitos servidores de Deus perderam tudo por se terem deixado enganar pela visão falsa dum estado de coisas mais perfeito. Se examinar bem, verá que, nessas coisas, a imaginação e o amor-próprio atuam fortemente.

O superiorato pesa-lhe e as dificuldades acabrunham-no. Se a ideia do P. Gallais de o pôr a si no meu lugar tivesse ido avante, não sei como seria; em vez de algumas dificuldades e preocupações, teria tido milhares. Por esse andar, teria dito muitas vezes: Deus não quer esta obra, ela nunca terá sucesso; todavia, é mais do que certo que Deus a quer, e vê-se claramente que ela terá sucesso. Quanto mais examino isto tanto mais me parece uma séria infidelidade o deixar-se arrastar por essas dificuldades e inquietações.

Estou convencido que todas as suas velhas ideias a meu respeito lhe voltaram. Digo-lhe, sinceramente, que isso não me causou nenhum desgosto; não me afeta minimamente, nem sequer belisca a minha alma; mas não se deixe enganar pela fogosidade do seu espírito; deve concluir, tendo em conta o passado, que se trata duma operação do demónio, cujas consequências seriam amargas, não fosse a proteção da divina Bondade.

Volto ao P. Plessis. Cometi um grande erro ao admiti-lo ao subdiaconado e ao sacerdócio. Tive muitos remorsos e fiquei muito inquieto; mas era demasiado tarde. Cometi esse erro devido à inexperiência (?)<sup>260</sup> e a uma falta de confiança em Deus. Enviei-lho porque esperava que você reparasse a minha falta.

---

<sup>260</sup> Sic: Recordemos a introdução: as hesitações dos leitores desta carta de escrita difícil; o mesmo para as passagens entre parêntesis retos.

*Congregação do Espírito Santo*

.....

Não tenha problemas em me reenviar; os motivos que o levam a fazer isso são muito bons; eu devo ser [punido], mas você não caia na armadilha que o demônio lhe preparou nesta circunstância. Não esteja tão inquieto sobre a admissão dos candidatos; a angústia que senti na sequência da admissão do P. Plessis fez-me ser mais rigoroso do que antes. Penso que não estamos livres de nos voltarmos a enganar ainda mais duma vez, mas talvez não com esta gravidade; [ninguém, por Maior que seja a sua experiência] está livre de erros e de surpresas. Quando eu tiver regularizado [tudo], vai ser mais fácil. Serão precisos ainda dois anos para lá chegar. Correremos então menos riscos, pois a maior parte dos nossos missionários sairão de entre os nossos alunos. Temos neste momento 30. Neste número há oito ou nove muito seguros; três ou quatro em dúvida, dos quais estamos praticamente decididos a despedir dois. Os outros são bons. Ao fim de dois ou três anos passados aqui, poderá ver-se como evoluíram. Você faz-me guerra, mas eu vou fazer-lhe também uma guerra tática (?)<sup>261</sup>. (Veja que retomo o bom humor e que deixo a tristeza do começo desta carta. É muito bom confiar em Deus e abandonar-se entre suas mãos para sofrer as mais violentas dores, pois tornamo-nos fortes com a força do próprio Deus). É, portanto, a minha vez de lhe fazer guerra. Já lhe mandei algumas farpas, desde o começo desta carta, mas estava à defesa. Vamos agora ao ataque.

Acho que você é um homem rude. No entanto, presumo que com os outros não seja tão terrível como comigo, senão deitava tudo a perder e confundiria toda a gente, [sempre] precisamente que encontrasse dificuldades. Não seja tão bruto com as pessoas; faça de mim uma exceção; os seus ataques têm em mim um efeito que você nem imagina; e eu sou incapaz de lhe querer mal.

Mas nem toda a gente sente da mesma maneira. Desconfie da sua sensibilidade, da sua energia natural; sempre que estiver sob uma impressão forte contra alguém ou contra alguma coisa, corre o risco de dizer coisas terrivelmente duras e dum modo horrível; nessas ocasiões cede a grandes exageros, que ocultam a graça e a razão, tiram a sabedoria e o tornam terrivelmente impaciente, não no que a si diz respeito, mas no que se refere à direção das pessoas e à administração dos assuntos. Disso resultaria uma tal tendência para o desânimo que nunca mais se livraria dele; andaria sempre transtornado.

Você pensa que eu não sou sensato, que não sou prudente, e eu penso que

---

<sup>261</sup> Sic: Cf. nota anterior.

*Antologia Espiritana*

você é impaciente. Quer que tudo seja logo perfeito, sem ter em conta os imponderáveis que aparecem nos começos duma obra. Tudo isso tem a ver com uma terceira observação que lhe faço: você não julga com realismo. Olha para as antigas Ordens e exige que tudo, entre nós, seja tão perfeitamente regular como nelas; mas saiba que isso é impossível; a sua rudeza impede-o de ver as coisas com realismo. [Começamos] a assentar a obra e você julga, condena, tira conclusões dos seus juízos e passa daí a resoluções extremas; isso não é sensato. Tenha paciência, precisamos de tempo para a consolidarmos; espere que as coisas se estabilizem e cheguem a uma fase definitiva; não exija de nós [uma perfeição] consumada, logo ao começar. Veja se eu poderia ter sido tão rigoroso desde o começo; a obra era muito frágil, pouco consolidada, a minha autoridade era muitíssimo débil. Pense em si e no P. Tisserant. De acordo com os seus princípios, eu teria que vos ter despedido ou feito esperar dois anos [não ignora todas as tentações que teve]; ora bem, teria neste caso agido sabiamente? Não teria sido imprudente? Nos começos duma obra há um conjunto de circunstâncias que não permitem cumprir a rigor as regras gerais. Agora já estamos, mais do que imagina, à altura de aplicar os princípios... Mas, daqui a pouco, podem apresentar-se circunstâncias em que não poderemos ater-nos rigorosamente às regras gerais. Oh, como a discrição é importante para a direção das obras de Deus! Você faltou a esta virtude, ao ceder nesta circunstância concreta à fogueira da sua alma.

Não digo que não me tenha enganado muitas vezes, e que não tenha agido mal; prova disso é a admissão do P. Plessis; também não digo que de futuro me não volte a enganar, mas penso que, em princípio, o meu modo de proceder é mais sensato e mais segundo o espírito de Nosso Senhor do que o que você me sugere. Com a minha maneira de proceder e com as [concessões] que fiz, a obra estabeleceu-se e começa a ganhar consistência. As pessoas experientes que sabem o que é e o que deve ser uma comunidade, estão admiradas de que em tão pouco tempo [porque só há quatro anos que existimos], a nossa obra tenha adquirido uma forma de vida tão regular. Daqui a dois anos, quando tivermos o pessoal que nos é necessário na Europa, espero que a nossa casa tenha o ar duma comunidade antiga. Mas, se eu tivesse adotado a orientação dura que quer sugerir-me, desta nossa obra já não restaria pedra sobre pedra.

Mas voltemos aos membros que compõem a nossa Congregação. Pois bem! Posso dizer-lhe com verdade que todos, exceto o P. Plessis, são fervorosos

*Congregação do Espírito Santo*

e sólidos. Houve um que descaiu porque esteve demasiado tempo sozinho no Haiti; mas refez-se. Não posso dar-lhe uma opinião sobre o P. Blanpin, não sei bem como está.

Além disso, você apresenta um princípio tão rigoroso que é absolutamente impraticável. Gostaria que todos os membros duma comunidade fossem tão perfeitos e de uma tal renúncia que os pudéssemos conduzir como marionetas. Isto seria muito bonito, sem dúvida, mas nunca existiu nem existirá na Igreja. Os jesuítas são certamente na Igreja pelo menos uma das sociedades religiosas mais fervorosas; mas, com o rigorismo que sugere, você punha na rua pelo menos metade deles. E digo-lhe ainda muito mais, pode estar certo de que nessa respeitável ordem há, quanto muito, uma quarta parte com as disposições de renúncia que você exige como condição necessária de admissão. Não conheço um número muito considerável dos seus membros; conheço alguns de entre eles que são admiráveis, mas conheço também outros, vários, que são fracos, bem imperfeitos, muito inferiores ao P. Blanpin; no entanto, pela descrição que me faz do P. Blanpin, ele seria de entre todos nós o menor em perfeição.

Portanto, não julgue como um rapaz em coisas desta gravidade. É esta a regra geral que julgo que se deve adotar e que procuro seguir na admissão dos candidatos: só admitir os que dêem garantias, uma certeza moral da sua perseverança no espírito sacerdotal. Quando vejo defeitos, procuro corrigi-los ou diminuí-los o mais possível. Se estes defeitos forem até ao ponto de causar apreensão quanto ao futuro, despeço o candidato. Até agora, exceto com o P. Plessis, tenho seguido sempre esta regra nas admissões. Se estes defeitos não criarem inquietação, se não me levarem a recear que sejam fatores de desordem, admito o candidato. Sem dúvida que já me enganei e voltarei a enganar-me ainda muitas vezes, mas pessoas mais hábeis do que eu também se equivocam. Como prova de que nem sempre sou mais fácil que os jesuítas, cito-lhe aquele que me deu mais preocupação na sua admissão, o P. Maurice. Era duma apatia e duma indecisão excessivas. Nunca vi ninguém pior neste género. Acrescente a isso um espírito desconfiado e uma imaginação singular, que lhe fez muito mal noutros tempos; em contrapartida, era muito piedoso. Admiti-o a muito medo e sempre estive apreensivo em relação a ele. Fez parte de nossa Missão da Guiné e, em consequência dessa imaginação destrambelhada e dessa apatia, regressou: fiquei encantado. Pois bem, entrou nos jesuítas, onde está há dezoito meses. Sabem o que vale; contactaram-me, e mesmo



*Antologia Espiritana*

---

assim têm-no lá. No entanto, são defeitos graves, defeitos gravíssimos, defeitos que influenciaram de uma maneira muito negativa a sua conduta durante todo o tempo que esteve connosco, defeitos que não se corrigirão com um noviciado. Isso prova que você deve ser um pouco mais brando nos seus princípios; há que examinar as coisas com realismo. Digo-lhe a verdade: se o P. Maurice viesse apresentar-se agora, como veio antes, não creio que o admitisse.

Enfim, o que tenho em conta para a admissão, é o espírito comunitário, a obediência, a simplicidade, a regularidade, a esperança de que quem vier se adapte à vida de comunidade...

*(Nota do P. Cabon: nas linhas seguintes e de que apenas se lêem algumas palavras sem sequência, fala-se do P. Laval e de D. Collier. D. Collier não satisfaz os desejos do Venerável Padre; queria reter o P. Laval; mas este não pode ficar na Maurícia se a Congregação não continuar com a missão de Bourbon, ou se, caso saia de Bourbon, não abrir uma fundação em Madagascar. O P. Laval deve, portanto, ter um pouco de paciência.)*

Você não sabe ainda o que Deus lhe destina; abandone-se à Providência; enquanto espera, faça o bem que começou, e espere o momento de Deus.

Vou responder a uma palavra da sua carta na que envio ao P. Collin; portanto, peço-lhe que a leia. Digo-lhe talvez por vezes coisas de modo um pouco severo. Não se aflija. Não tive intenção de o magoar, e asseguro-lhe que poderá haver severidade nas palavras mas não no meu coração. Que a paz de Deus esteja consigo.

Todo seu em Jesus e Maria.

**F. Libermann,**  
*padre do Sagrado Coração de Maria*